

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NICHOLE CALHEIROS SANTA RITTA

**ESPELHO DE EVA, VENTRE DE MARIA:**

a Igreja Católica e a construção do corpo profano da mulher nos sermões do  
Padre Antônio Vieira

(século XVII)

Maceió 2023

NICHOLE CALHEIROS SANTA RITTA

**ESPELHO DE EVA, VENTRE DE MARIA:**

a Igreja Católica e a construção do corpo profano da mulher nos sermões do  
Padre Antônio Vieira

(século XVII)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), afim de obter a graduação em História Bacharelado. Orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Cláudia Aymoré Martins.

Maceió 2023

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S232e Santa Ritta, Nichole Calheiros.  
Espelho de Eva, Ventre de Maria : a Igreja Católica e a construção do corpo profano da mulher nos sermões do Padre Antônio Vieira (século XVII) / Nichole Calheiros Santa Ritta. – 2023.  
40 f.

Orientadora: Ana Cláudia Aymoré Martins.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História: Bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 38-40.

1. Igreja Católica. 2. Mulher – corpo profano. 3. Vieira, Antônio, 1608-1697. Sermões. I. Título.

CDU: 94 : 869.0

À Michelle Calheiros Lima

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais, Michelle Calheiros Lima e Daniel Roberto Correia Santa Ritta, por terem me ensinado a batalhar pelos meus sonhos, e em especial a minha mãe, por sempre acreditar no meu potencial em qualquer escolha da minha formação profissional. Ainda a ela, devo agradecer por todas as trocas teóricas que fazemos, diálogos interdisciplinares, e afeto compartilhado. A minha mãe eu agradeço ainda pela paciência e compreensão com o meu processo de escrita, mas sem deixar de me incentivar a concluir, ao mesmo tempo que me servia de exemplo de garra e coragem.

A meu amigo, Eduardo Afonso, por caminhar ao meu lado e ser, para mim, fonte de força, determinação e conhecimento. A Maria Leonalva Holanda, minha parceira do Curso de História, que segurou as pontas junto comigo, e que sempre me incentivou a persistir.

As professoras do Curso de História, Arrizete Costa Lemos, por ter sido a primeira pessoa durante a graduação a reconhecer minha competência e me incentivar a seguir no meio acadêmico. A professora e minha orientadora, Ana Cláudia Aymoré, por ter despertado em mim a paixão pelo compartilhamento de conhecimento e por ter acreditado na minha escrita, a Ana Paula Palamartchuk (in memoria) por ser exemplo de força e sabedoria. A Irinéia Maria Franco, por sustentar meu interesse, em plena pandemia, em estágio supervisionado não presencial, e também aceitar compor a minha banca de tcc. A Flávia Maria de carvalho, por também ter me enchido os olhos, mesmo durante as aulas remotas, com sua leveza, onde assistíamos minha mãe e eu, suas aulas, e por aceitar compor minha banca de tcc.

## RESUMO

O presente trabalho faz uma breve caminhada sobre a influência da Igreja Católica na construção do pecado vinculado à carne, e posteriormente, por consequência, de um corpo que passará a ser vigiado e controlado. Tratamos os conceitos atribuídos ao corpo no imaginário coletivo, no decorrer da história, através de algumas perspectivas. Corpo este, destacado dentro de um recorte temporal (século XVII), e geográfico (Europa). Ao abordar o corpo da mulher, mais a frente, é preciso salientar também que não tratamos de uma categoria universal, e sim uma dada mulher. A mulher branca, “civilizada”. Trazemos os sermonários de Padre Antônio Vieira, que tocam esses corpos, fazendo um paralelo com a ambiguidade imagética trazida por ele: a mulher pecadora em contraposição da mulher santa.

*Palavras chaves:* Mulher, Corpo, Pecado, Padre Antônio Vieira

## **ABSTRACT**

The present work makes a brief walk on the influence of the Catholic Church in the construction of sin linked to the flesh, and later, consequently, of a body that will be watched and controlled. We treat the concepts attributed to the body in the collective imagination, in the course of history, through some perspectives. This body, detached within a temporal (seventeenth century), and geographical (Europe) cut. When approaching the woman's body, later on, it is also necessary to point out that we are not dealing with a universal category, but a given woman. The white, "civilized" woman. We bring the sermonaries of Father Antônio Vieira, which touch these bodies, making a parallel with the imagery ambiguity brought by him: the sinful woman in opposition to the holy woman.

Keywords: Woman, Body, Sin, Father Antônio Vieira

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. A IGREJA CATÓLICA ENQUANTO DISPOSITIVO DE PODER FRENTE AO RENASCIMENTO.....</b>	<b>11</b>
2.1 A carne pecaminosa e os agentes de satã.....	15
<b>3. A RETÓRICA VIEIRIANA SOBRE O CORPO FEMININO.....</b>	<b>22</b>
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O primeiro despertar de interesse sobre o tema que aborda um certo preestabelecimento sobre o comportamento dos corpos surgiu durante as aulas de história moderna que tive na Universidade Federal de Alagoas. Nunca pude esquecer os debates acerca do livro de Delumeau *A História do Medo no Ocidente*, e todos os estigmas amplamente propagados, não só no cenário intraeuropeu mas também no contexto ultramarino, que serviram para a normatização e domesticação dos corpos. Atravessado por séculos, muitos destes paradigmas, sobretudo quanto voltados a grupos subalternizados sob o duplo jugo capitalismo-patriarcado, são influentes no desenvolver das sociedades ocidentais até os dias de hoje. Não é uma mera coincidência o estudo do pecado atrelado à carne, visto que essa herança é refletida no cotidiano popular direta ou indiretamente, sendo percebida ou não, e por isso seu fundamento é de grande importância. É sobre isso que a historiografia trata, quando falamos da formação de uma dada mentalidade. A história das mentalidades dá enfoque ao modo de pensar e agir de uma sociedade, de um mesmo tempo, e estuda quais os fatores culturais, sociais e políticos que possibilitaram o cenário em questão. Esse enfoque dado a um aspecto comportamental é um dos âmbitos necessários para se compreender o funcionamento social, podendo aliar tanto metodologias macroestruturais, quanto a micro-história.

Nesse presente estudo, além de nos debruçarmos sobre a construção de um pensamento acerca do corpo, também puxamos o mesmo tema para reflexão de qual meio foi-se possível perpetuar tais traços até os dias de hoje. Com os meios, quero dizer por quais artimanhas foi-se possível ampliar e preservar um conjunto de significados a respeito do corpo. É claro que as heranças comportamentais não permanecem intactas, devido as transformações seculares e com o enorme avanço da globalização e da tecnologia, porém, há marcas vivas. Abordaremos no primeiro capítulo os motivos pelos quais havia interesse na contenção dos corpos, e mais especificamente o corpo da mulher, e através de quais discursos pôde ser validado. No seguinte capítulo, traremos

a temática para dentro dos sermões de Padre Antônio Vieira, dando enfoque somente à prática da construção do corpo profano da mulher em seus discursos.

Para fazer esse presente estudo, a metodologia usada é a análise dos sermões do padre Antônio Vieira, principal representante do movimento literário barroco em Portugal e no Brasil, destacando-se na história da literatura dos dois países. Essa análise documental dialoga com a hipótese de uma construção do corpo profano da mulher, em seus sermões; também em quais pontos, e em sob quais circunstâncias esse discurso foi endossado. A princípio, será apresentada a Igreja Católica enquanto dispositivo de poder, e mais à frente, a análise documental de seus sermões enquanto agentes dessa instituição. É muito interessante como uma instituição pode deter um poder de controle tão grande sobre os corpos que vem e vão, simplesmente por estabelecer destinos às práticas e pensamentos do outro. A Igreja católica fundou uma mentalidade ocidental e uma consciência coletiva sobre o permitido e o proibido, ganhando ainda mais força através do movimento barroco, conservando esses traços até hoje.

Assim, os sermões de Padre Antônio Vieira servirão primordialmente, aqui, de exemplo e *corpus* analítico. Iremos nos debruçar sobre alguns de seus sermões enquanto fonte histórica, dentro de uma macroestrutura (ideologias institucionais e normas culturais) e da micro-história (experiências subjetivas e estratégicas individuais). O estudo dos sermonários, aqui presentes, serão orientados para obter um maior conhecimento das mentalidades, atitudes, doutrinas e comportamentos que dominam a sociedade de uma determinada época, e como foi, na prática, essa concepção.

Particularmente, sempre me interessei pelo tema e achei desafiador tentar analisar seus sermões. Aos trancos e barrancos da graduação, tive a oportunidade de encontrar profissionais incríveis, como minha orientadora Ana Cláudia Aymoré, que carregou consigo, mesmo sem saber, todo o meu interesse pelo futuro na profissão. A pandemia de 2020 dificultou o trabalho da pesquisa e nos distanciou do meio acadêmico, mas seguimos firmes. É fascinante como a história é prática e movida por seres humanos agentes e responsáveis por ela. Essa enorme cadeia de relações sociais, culturais e políticas, nunca estagna no

tempo, e posso afirmar da honra que tenho em poder contribuir para a pesquisa de um próximo estudante. É um privilégio poder estudar de fato, e de modo crítico, a história.

## 2. A IGREJA CATÓLICA ENQUANTO DISPOSITIVO DE PODER FRENTE AO RENASCIMENTO

A fim de entender a influência da Igreja Católica na construção do pecado vinculado à carne, e posteriormente, por consequência, de um corpo que passará a ser vigiado e controlado, precisamos ir ao cerne do surgimento dessa concepção. De acordo com o texto de Cristiane Marinho, no qual a autora aborda a biopolítica<sup>1</sup> e os ensaios sobre a sexualidade de Foucault, podemos ter o conhecimento de que não há uma só forma de dominação e que as relações de domínio se exercem de maneiras diferentes ao longo da história. Sendo assim, para além das relações tradicionais (tais como exclusão, soberania, repressão, guerra e economia), identificou-se uma nova forma desse exercício de poder durante a modernidade, o controle corporal e condução de condutas, tanto de si para consigo, quanto de si para com os outros: “Ou seja, o exercício moderno do poder político não age somente por meio das leis, mas sim pelo governo. Ele governa, ou melhor, ele conduz as condutas dos indivíduos e das populações” (MARINHO, 2020, p.120). Tendo isso em vista, é a partir dessa mescla entre corpo e poder que buscaremos esclarecer o surgimento dos significados dados à carne, para que então se “justificasse” o domínio sobre ela.

O conceito de corpo sofreu mutação durante a história, e se antes seu funcionamento estava sob influência dos planetas, das forças ocultas e dos amuletos, como nos mostra Georges Vigarello (VIGARELLO, 2012), em meados do século XVI, com a formação da identidade moderna e renascentista na Europa, o corpo passará a receber outro mecanismo no imaginário coletivo, descobrindo em si uma fonte inesgotável de inspiração e conhecimento. Assim, tornava-se o centro dos questionamentos, como a natureza que o envolvia, a razão que o dominava, e as ciências que estavam em desenvolvimento “um conflito de cultura se aviva com a renascença, onde o corpo se singulariza,

---

<sup>1</sup> “Biopolítica” é um termo desenvolvido por Foucault, que conceitua o exercício do poder agindo de forma a controlar a vida de outros. Tal conceito foi pela primeira vez abordado em: FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 1999. “Biopolítica” antecede o conceito de “necropolítica”, este segundo desenvolvido por Achille Mbembe. Ver mais em: MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**.

especificando funcionamentos explicados por sua 'própria força vital' e exclusivamente por ela (VIGARELLO, 2012, p. 16)".

Essa nova perspectiva de corpo se faz materializada nas obras de artes que exaltavam a existência do ser humano e a sua respectiva beleza. A beleza estética é a manifestação da liberdade do pensamento humano, e é nesta área em específico que a cultura europeia do Renascimento se sentiu livre para expressar sua autonomia. Houve uma produção riquíssima de belas obras, fruto desse novo indivíduo social que acabara de se deparar com a beleza do mundo, do universo, do próprio homem. "A beleza entrou na modernidade. Nada mais do que uma 'mutação do pensamento figurativo' na Renascença, este brusco realismo das formas tomadas pelos corpos pintados na Toscana do século XV [...] a aparência geral se aguça nos quadros." (GÉLIS, 2012, p.17) A carne, ironicamente, retoma nesse momento, inspirada pelos paradigmas da Antiguidade clássica, a mecânica da presença física, a cor, espessura e a forma. Apesar de sempre ter sido material, só então, no que se refere à sociedade ocidental cristianizada, se desvinculou das referências unicamente sagradas como pilar de entendimento, e entrou na consistência da beleza mundana.

É a partir, então, desse olhar direcionado à materialidade do ser humano, quando se amplia o conceito do corpo e se populariza a ideia de que ele tem desejos e é protagonista na forma em que se apresenta no mundo, que este passará a ser observado. No entanto, somente isso não seria suficiente para transformar uma crença coletiva que repudiasse a natural forma de manifestar suas pulsões<sup>2</sup>. Seria preciso que genuinamente se acreditasse que, ao se ceder aos caprichos da carne, seriam acarretados revezes irreversíveis, que acompanhariam o indivíduo para além da vida. É nesse ponto que entrará o papel da Igreja enquanto dispositivo de poder (FOUCAULT, 1987) com ampla influência nas culturas do mundo inteiro e, principalmente, fomentadora do medo.

Primeiramente, para ilustrar essa concepção de instrumento de controle, podemos abordar a forma como a Igreja Católica se apropria da teologia e seus dogmas como uma ferramenta de condicionamento da ordem civil. Para usar

---

<sup>2</sup> Conceito da psicanálise desenvolvido por Freud. Na íntegra "A pulsão, ao contrário, nunca age como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma *força constante*". (FREUD, 2004. p. 146)

desse argumento, é necessário se fazer entender a distinção entre “experiência religiosa” e a combinação de fé e interpretação intelectual, muito bem explanadas no livro *A Inquisição*. Como endossam os autores Michael Baigent e Richard Leigh, a “experiência religiosa” é adquirida de forma direta, se confirmando por si só, e é também equiparada à espiritualidade. Nos primeiros séculos da era cristã, essa apreensão direta era chamada de “gnose” o que significa simplesmente “conhecimento”. Hoje, os que eram chamados de “gnósticos”, são conhecidos como místicos. Já a religião, em contraste, não se baseia na “gnose”, mas numa teologia, que é “a interpretação intelectual atribuída após o fato à apreensão direta da “gnose” (BAIGENT e LEIGH, 2001, p. 163). A teologia vem como meio de se explicar a experiência religiosa:

As teologias envolvem dogmas, proibições e sanções, ritos e rituais. Quanto mais complexas e elaboradas se tornam essas coisas, mais divorciadas e dissociadas se tornam a experiência original que as inspirou no início. A teologia acaba perdendo contato com a experiência original e torna-se um edifício intelectual por si mesma, que se autojustifica e se basta. A religião baseada numa teologia dessas nada tem a ver com “espiritualidade”. Transformou-se em nada mais que um instrumento de condicionamento e controle. (BAIGENT e LEIGH, 2001, p. 163)

Tendo em vista essa concepção de teologia, e mesclando ao conceito de dispositivo de poder<sup>3</sup>, a religião enquanto instituição social, cultural e política, age diante da responsabilidade de legislar a moralidade e manter a ordem. Ainda de acordo com Baigent e Leigh, para a hierarquia eclesiástica que compõe essa instituição, a “gnose” apresenta uma ameaça, porque torna supérflua a estrutura de poder. Com a possibilidade, através da racionalização da espiritualidade, de estar sob controle de corpos que trazem perigo à essa estrutura, como o corpo da mulher<sup>4</sup>, foi preciso usar as imagens para falarem mais alto do que a palavra:

---

<sup>3</sup> Para citarmos brevemente o conceito de “dispositivo de poder” presente nesta obra referenciada: “Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 30).

<sup>4</sup> “Devido a sua relação singular com o processo de reprodução, as mulheres, em muitas sociedades pré-capitalistas, foram reconhecidas por uma compreensão particular dos segredos da natureza, que as capacitava, supostamente, a proporcionar vida e a morte e a descobrir as propriedades ocultas das coisas.” (FEDERICI, 2019, p. 65)

É preciso compreender que aqui importa não tanto respeitar uma autenticidade da imagem como despertar a sensibilidade religiosa e reforçar a piedade. Aos olhos dos fiéis é colocada uma crença viva [...]; não há necessidade de palavras, a mensagem passa pelo olhar. (GÉLIS, 2012, p.35)

Segundo Gélis, a fé e a devoção ao corpo de Cristo contribuíram para elevar o corpo a uma alta dignidade, fazendo dele um sujeito da história. As imagens constantemente apresentadas aos fiéis como representação da realidade da carne do corpo de Cristo são primordialmente um símbolo de seu sacrifício pela humanidade. Ao ingerir a hóstia, o cristão incorpora seu corpo, e ao beber do vinho, o sangue passa a representar o sacrifício de Deus: “O corpo de Cristo está no centro da mensagem cristã, e o cristianismo é a única religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana: a religião do Deus encarnado” (GÉLIS, 2012, p.23). Apesar disso,

Colocar marcos para tentar explicitar a maneira como os homens e as mulheres dos séculos modernos viveram seu corpo em relação com o religioso e o sagrado, colocar acento nos ritos, na simbólica do corpo, levando em conta ao mesmo tempo o ensinamento do magistério e o comportamento dos fiéis, tal é o sentido desta abordagem: uma abordagem desequilibrada, é evidente, pelo lugar preponderante que nela ocupa a palavra da Igreja católica. A palavra, mas também a imagem. (GÉLIS, 2012, p.22)

A imagem se torna uma arma indispensável à manutenção das populações na Igreja, visto que havia uma sugestiva comparação de si com o divino, fazendo com que se propagassem os requisitos de um bom cristão. Após marcar a imagem como uma palavra divina, a igreja da contrarreforma passou a propagar outro significado a respeito do corpo, este embutido de pecado “esta abominável veste da alma” (GÉLIS, 2012, p. 20), como representação do pecador. O pecado vem como justificativa daquilo que sobrepõe a racionalidade, algo não palpável, fora da manutenção de poder, como um desejo que precisa ser suprimido.

## 2.1 A Carne Pecaminosa e os Agentes de Satã

Quando se agrega o sentido de pecado à carne, temos a unificação do corpo e da alma, e aqueles corpos que precisam de “correção”, passam a ser vigiados e controlados, pois “é pelo corpo que ele corre o risco de perder-se” (GÉLIS, 2012, p. 20). Dessa forma, mais do que de corpo, é precisamente de “carne” que se fala: “assim, o desejo sexual é “agulhão da carne” e a relação sexual “obra da carne”. há uma comparação sugestiva do corpo humano com a imagem de cristo, e era interessante que a consciência do corpo não fosse separada do imaginário da visão de mundo, assim manteriam controle sobre as condutas alheias, tendo em vista que o corpo é um exemplo de como a igreja deve funcionar. Paulo diz em Romanos 12:4-5: “Pois assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente uns dos outros.”

Aos poucos já podemos deduzir como esses muitos significados interferirão na liberdade do ser humano se manifestar, até os dias de hoje. O pudor começa a ser agregado às ações, ampliando a responsabilidade individual de fazer jus ao sacrifício de Deus. Ceder aos desejos carnis seria uma forma de distanciar-se de Cristo, ou até ser contra ele.

Corpo depreciado do ser humano pecador, pois se ouve incessantemente dizer que é pelo corpo que ele corre o risco de perder-se. O pecado e o medo, o medo do corpo, principalmente o medo do corpo da mulher, retornam como uma ladainha sob forma de precauções ou de condenações. (GÉLIS, 2012, p. 20)

Dessa forma, cresce um discurso ambíguo, de enobrecimento e menosprezo, pois, apesar de sujo, o corpo é o caminho para se chegar à salvação. Quando Jacques Gélis se refere ao corpo da mulher como objeto que provocava medo, e conseqüentemente sua perseguição, precisamos entender em qual aspecto isso se tornou possível. Deixando brevemente a discussão geral sobre corpo, e dando enfoque exclusivamente ao projeto lançado ao corpo da

mulher<sup>5</sup> no alvorecer da Era Moderna, devemos nos perguntar o que a sexualidade feminina representava aos olhos da instituição disciplinar que a Igreja Católica representava. Silvia Federici (2019) discorre sobre esse aspecto quando afirma que desde os séculos XVI e XVII, foram introduzidas na maior parte da Europa referências à sexualidade feminina como ameaça social, precisando haver o desprezo sobre o prazer da mulher. Desde o *Banquete*, de Platão, ao *Malleus Maleficarum*<sup>6</sup>, o desejo que sobrepõe o amor, que por sua vez é incontrolável, só poderia ser uma obra corrompida, ou seja, para os inquisidores, uma obra do diabo. A essa altura, já podemos compreender que o que não se conseguia controlar, como o desejo, por mais que não fosse palpável, tornava-se abominado. A Bíblia adverte no sentido de não deixar o pecado reinar em “nosso” corpo, ou seja, os impulsos e desejos devem estar sob o controle da razão e do Espírito Santo: “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões” (Romanos 6:12).

Mais do que o projeto lançado sobre o corpo da mulher através da doutrina cristã e seus mecanismos de fomentar o medo, Silvia nos apresenta essa necessidade de controle como sendo parte da coesão da Igreja enquanto clã masculino, patriarcal, a impedir que sua propriedade fosse dissipada devido à fraqueza clerical diante do poder feminino, aquele que despertava o descontrole (FEDERICI, 2019, p. 67). Dentro do contexto histórico que contribuiu para que houvesse essa reflexão mais antropocêntrica acerca do humano, e o olhar mais incisivo sobre a mulher, tais transformações acompanharam a transição do feudalismo para o capitalismo mercantil, com a ascensão da burguesia. Diante desse aspecto de acumulação de capital surgirá mais fortemente o olhar legislativo sob o corpo, e é nesse contexto que o ataque às mulheres como “bruxas” deve ser situado, pois, como sabemos, a partir da *História da bruxaria*, “A correlação social estabelecida entre bruxaria e mulheres é das mais acentuadas. Durante todo período de caça às bruxas o número de mulheres

---

<sup>5</sup> Ao falar da mulher, ou dos corpos femininos, precisamos levar em consideração que nesse contexto abordado Não se trata de uma categoria universal, e sim uma dada mulher. A mulher branca, “civilizada” e europeia.

<sup>6</sup> “Martelo das Bruxas”. O *Malleus* apressa-se a interpretar como bruxaria qualquer comportamento que os autores clericais não podem explicar.

acusadas foi, aproximadamente, o dobro do de homens.” (RUSSEL e ALEXANDER, 2019, p.141) Sob o olhar de Silvia Federici, o ataque vem, sobretudo, da necessidade de o capital destruir o que não consegue controlar, tornando inferior àquilo que mais precisa para sua reprodução. Aqui, abrimos brevemente parênteses para esta discussão acerca da mulher política apenas como exemplo do poder que um discurso coletivo pode exercer sobre os corpos. Neste caso, a bruxaria condenada:

Outra origem das acusações por bruxaria é a característica cada vez mais misteriosa das transações econômicas e da conseqüente inabilidade das pessoas em entender as forças que governam a própria vida. À medida que as economias locais são transformadas por políticas internacionais e pela “mão invisível” do mercado global, torna-se difícil compreender o que provoca a mudança econômica e por que algumas prosperam enquanto outras são depauperadas. (FEDERICI, 2019, p.118)

Parece haver uma relação entre o cercamento de terras inglesas – dentro do surgimento do capitalismo agrário a partir do século XV – e a caça às bruxas. Silvia Federici, autora que nos oferece a análise marxista-feminista dessa relação, faz questão de reiterar que a privatização de terra só produz perseguição às bruxas sob condições específicas, e não é um aspecto determinante da perseguição. Entretanto, considero importante trazer esse debate para salientar a misoginia da época e sua tendência a depreciar mulheres, principalmente aquelas que viviam sem o apoio da família patriarcal (pai ou marido), pois essas tinham pouca influência ou quase nenhuma proteção legal social que garantissem reparação para eventuais injustiças que viessem a sofrer (FEDERICI, 2019, p. 143). Também na *História da bruxaria* registra-se que “o século XVI mostrou uma tendência excepcionalmente misógina, possivelmente porque as mudanças demográficas produziram um número incomum de mulheres que viviam sozinhas” (RUSSEL e ALEXANDER, 2019, p.143). As mais afetadas durante esse processo de cercamento e expropriação de terras foram as mulheres mais velhas, viúvas ou pobres, características que se apresentam também no índice de mulheres perseguidas por bruxaria (FEDERICI, 2019, pp. 50-51). Diante de uma sociedade religiosa de dominância masculina, e que pretendia manter esse privilégio, ameaçava a estrutura o que

não se podia ter controle, introduzindo Satã como agente do desvio da mentalidade coletiva acerca da bruxaria:

Devido sua relação singular com o processo de reprodução, as mulheres, em muitas sociedades pré-capitalistas, foram reconhecidas por uma compreensão particular dos segredos da natureza, que as capacitava, supostamente, a proporcionar vida e morte e a descobrir as propriedades ocultas das coisas. (FEDERICI, 2019, p.65)

A misoginia que se manifestou com tanta virulência durante a caça às bruxas estava amparada em uma longa e antiga tradição, alimentada pela tradição literária clássica, a religião hebraica e o dualismo, pelo menos (RUSELL e ALEXANDER, 2007, p. 144). Mais do que privar a mulher dos cancerígenos deleites do capital, por, principalmente, a falta de controle sobre seus corpos e conhecimentos, tais ações foram justificadas por sua suposta inferioridade biológica, unificando o discurso eclesiástico ao da medicina: “nenhuma barreira separava [no que dizia respeito ao corpo e suas representações] a medicina da religião, a ciência da crença” (MUCHEMBLED, 2001, p.91). Os homens da ciência médica afirmavam a inferioridade estrutural da mulher, e difundiram essa ideia amplamente graças a imprensa nos diversos setores da cultura dirigente, segundo o historiador francês Jean Delumeau: “Teólogos e médicos, apoiando-se uns aos outros para desvalorizar a mulher, forneciam conjuntamente seus argumentos complementares e peremptórios aos juristas – a terceira grande autoridade da época. De modo que a reconstituição do discurso oficial sobre o ‘segundo sexo’ na época da renascença seria incompleta se dela se subtraísse o componente jurídico.” (DELUMEAU, 1978, p.499)

O clero fora levado a retratar o sexo feminino como instrumento do diabo: “quanto mais agradável para os olhos, mais mortal para a alma” (FEDERICI, 2019, p. 67). Tanto era o medo de se “cair em tentação”, que havia exigências e regras impostas pela igreja para a vestimenta e comportamento das mulheres quando fossem se confessar, e inclusive “um padre de menos de trinta anos não confessará as mulheres [...] devendo a confissão das mulheres ser feita apenas durante o dia” (DELUMEAU, 1978, p.491). Para o clero, o padre é um ser em constante perigo, e seu grande inimigo era a mulher. Aparenta ser, a mulher, através dessa visão essencialmente clerical masculina, mais tendenciosa às

armadilhas do diabo, ou ela própria agente dele. Analisaremos mais à frente desse estudo as situações às quais eram dispostos os Sermões de um notório e influente jesuíta da época, o Padre Antonio Vieira (1608-1697), com enfoque naqueles que eram sorrateiramente dispostos ao sexo feminino, em contextos igualmente tendenciosos.

Podemos, então, dizer que, no que se refere à história da sexualidade na Europa Ocidental na era moderna, o corpo aparece principalmente sob dois aspectos:

Primeiramente, sob o aspecto do costume e da legislação: tanto um como a outra buscam disciplinar e dirigir suas funções reprodutivas, reprimindo os impulsos desordenados da sexualidade por razões que participam ao mesmo tempo do social e do espiritual. Em segundo lugar, o corpo aparece como o agente (ou a vítima) de atos sexuais transgressivos e, portanto, como lugar privilegiado de “crimes” contra a religião, a moral e a sociedade: ele testemunha assim a eterna e relativa impotência das restrições sociais que visam conter as práticas sexuais dentro dos limites estabelecidos pelas convenções e pelas leis. (MATTHEWS-GRIECO, 2012, p.217)

Com o objetivo de tentar remontar o cenário do corpo e suas práticas sexuais na Europa Ocidental, por volta dos séculos XV ao XVIII, Sara F. Matthews-Grieco levou em consideração o período da Idade Média, Renascença, Reforma e Luzes, pelo fato de que a reabilitação do corpo humano e a promoção do casamento, que caracteriza o século XV, correspondem ao começo de um longo período de preocupações demográficas, assim como a manifestação de atenções radicalmente novas em relação ao corpo e sua sexualidade, e afirma que “Do começo do século XV até meados do século XVII, a Europa Ocidental esforçou-se para desenvolver uma visão de corpo e de sua sexualidade que fosse compatível com a ordem social, o respeito pela religião e o crescimento da população.” (MATTHEWS-GRIECO, 2012, p.218).

O martírio se apresenta ao místico como uma porta de operar sua salvação. Vivendo uma dupla relação com a carne, ele assimila o corpo de Cristo através da comunhão e partilha seu sofrimento através do martírio. Por sua vez, ao trazer a abordagem religiosa do corpo, Gélis nos aponta que ela não pode ser reduzida à palavra da Igreja, por influente que seja: “Na contrarreforma não

só não é unânime o olhar que a Igreja lança sobre o corpo, como a instituição deve contar com uma outra consciência do corpo, que é também uma outra concepção da vida e uma outra cosmovisão: a do mundo rural, que é mágica” (GÉLIS, 2012, p. 21). Mais uma vez o misticismo, aquele fenômeno fora de controle teológico, dogmático, aparece como independente da materialidade humana. O corpo se apresenta com a necessidade de ser vencido “para todos aqueles que procuram assemelhar-se a Cristo das dores para partilhar seus tormentos, e ele é ao mesmo tempo o maior obstáculo e o “maior inimigo” (GÉLIS, 2012, p.53). É por meio dessa consciência que se endossa “o corpo imundo, receptáculo dos vícios” (GÉLIS, 2012, p.55) pois, para se tornar digno, é preciso domar a própria carne, portanto ter disciplina, como se apresenta o caso do jejum e das macerações: “A privação alimentar é a punição mais imediata que se faz ao próprio corpo” (GÉLIS, 2012, p.56). Tomando como exemplo o jejum, abordado no capítulo denominado *Incorporar-se à Cristo*, o autor traz o exemplo de um relato hagiográfico de Carlo Severano Severoli, no século XVII, que só comia pão bolorento misturado com cinzas que ele mergulhava em água fétida proveniente dos restos da cozinha.

Se a pessoa não hesita em torturar seu corpo, castigá-lo, é precisamente porque ela não merece nenhum respeito. [...] Na verdade, para todos aqueles que sonham em aviltar sua carcaça humana, o corpo não passa de um “oceano de miséria”, uma cloaca que resulta da condição de pecador: o corpo imundo, receptáculo dos vícios. (GÉLIS, 2012, p.55)

Dessa forma, ele se apoderava de enganar seu corpo e superar sua repulsa triunfando sobre a natural podridão da carne. Mais à frente, o autor prossegue com seu pensamento:

Domar a própria carne é antes de tudo infligir-se uma feroz disciplina. Imaginando e aplicando-lhe as coações mais dolorosas, todos aqueles que desprezam o corpo e rejeitam este mundo terrestre esperam de fato adquirir o mérito santificante. O “ódio do corpo”, que leva à sua destruição lenta e sistemática, não procede de uma conduta nova no âmbito religioso. (GÉLIS, 2012, p.55)

Essa privação e abstinência do prazer primordialmente oral dá ao místico o sentimento de ser enfim senhor do seu corpo, se aproximando de Deus e se

distinguindo dos outros, quando “o espírito domina finalmente a carne” (GÉLIS, 2012, p. 58). Ainda mais violento do que a privação de alimento ao corpo, ou como também era chamada essa prática “anorexia santa” (BELL, 1985), existia uma batalha através da flagelação, castigos e torturas contra o demônio, estimulante dos maus pensamentos.

Essas manifestações de castigo à carne como punição de um desejo que não podia ser controlado superava a intimidade dos místicos citados anteriormente. Como forma de domínio, a Igreja Católica agia através da Inquisição como mais uma forma de se apoderar de corpos irreverentes. Sabemos que a inquisição punia os heréticos de acordo com o que acreditavam ser verdade os dogmas da Igreja, pois tudo o que ela representava sempre esteve à frente das crenças coletivas, e por conseguinte o revés penitente era geralmente marcado no corpo: “Em outras palavras, a Igreja possui suas próprias superstições, seus próprios rituais e práticas mágicos, que são intrinsecamente superiores apenas porque vêm da Igreja” (BAIGENT e LEIGH, 2001, p. 127).

As forças malignas, segundo Baigent e Leigh, que se opunham ao ser humano de bem, não se manifestavam por si só, e precisavam de veículos suscetíveis que o propagassem. Como o exemplo da bruxaria, conceito que levava muitas mulheres a serem queimadas vivas por terem autonomia sobre seus corpos, e mais do que isso, o poder de gerar ou acabar com uma vida, os autores nos explanam que “toda bruxaria provinha de uma força carnal, que na mulher é insaciável” (BAIGENT e LEIGH, 2001, p. 126). Mais uma vez a figura da mulher se manifesta como um receptáculo dos vícios, ou fomentador dele, representando o principal símbolo do pensamento pecaminoso.

Antes, era heresia acreditar em bruxaria. Agora, com uma simples penada, tornava-se heresia não acreditar. Estabelecera-se um mecanismo do qual – para qualquer um que a Igreja desejasse julgar inimigo – não havia como escapar. [...] Os bodes expiatórios agora podiam ser responsabilizados até por desastres naturais, assim exonerando Deus e o demônio. Em vista da furiosa misoginia dos Inquisidores, quase invariavelmente os bodes expiatórios seriam mulheres. (BAIGENT e LEIGH, 2001, p.123)

Como dito anteriormente, o corpo da mulher enquanto potencial objeto de ameaça à manutenção do poder da Igreja serviu como vitrine para doutrinação dos cristãos. Se as forças malignas precisavam de um veículo para se manifestarem, as mulheres seriam mais propensas a caírem nas armadilhas do demônio.

## 2. A RETÓRICA VIEIRIANA SOBRE O CORPO FEMININO

A fim de ilustrar todo o conceito anteriormente apresentado, do corpo enquanto carne, e posteriormente sua sugestiva comparação à imagem de Cristo proveniente do estigma pecaminoso, buscamos alguns discursos de um importante e notório homem da Igreja, neste recorte temporal, para exemplificar, na prática, como aconteciam essas sanções nos discursos. Assim, os sermões de Padre Antônio Vieira servirão primordialmente, aqui, de exemplo e *corpus* analítico. Iremos nos debruçar sobre alguns de seus sermões enquanto fonte histórica, dentro de uma macroestrutura (ideologias institucionais e normas culturais) e da micro-história (experiências subjetivas e estratégicas individuais). O estudo dos sermonários, aqui presentes, serão orientados para obter um maior conhecimento das mentalidades, atitudes, doutrinas e comportamentos que dominam a sociedade de uma determinada época. A partir destes textos pretendemos também focar na figura da mulher, vista e julgada sempre sob um olhar masculino que sempre esteve presente no ordenamento de grupos sociais, e nas instituições detentoras do poder, especialmente a Igreja. Estes dois pilares que moldavam a sociedade seiscentista (e ainda hoje persistem), eram, e são, predominantemente dominados por homens. De um lado, a Igreja católica encabeçada por homens, e do outro, os mesmos homens que fazem as leis e ditam normas. Uma instituição estabelece um comportamento a seguir, e a outra dedica-se a punir os contrários.

Antônio Vieira foi o principal representante do movimento literário barroco em Portugal e no Brasil, destacando-se na história da literatura dos dois países por “sua vitalidade e a paixão por alguns temas que tratou e por muitas das teses que expôs, assim como pelo jogo com o significante linguístico e retórico (a

engenhosidade)” (MENDES, 2003, p.17). Assim como se caracterizavam o período seiscentista, os textos de Vieira possuíam uma linguagem rebuscada e culta, sempre com o objetivo de convencer o ouvinte ou o leitor, e demonstravam posição moral por meio de imagens associadas a um fato ou citação bíblica, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Uma de suas marcas na escrita que subsidiava suas preleções, como vamos perceber no decorrer da análise, era o uso constante do paralelismo (repetição de estruturas) e uma “amarração” constante entre a parte e o todo. Sua oratória é admirável pela sua eloquência, tendo em vista seu compromisso em passar suas ideias adiante, ainda mais em um momento em que o movimento contrarreformista estava em seu ápice. Seus sermões justificavam as críticas dos reformistas, pois de fato havia a intenção de argumentar sobre a preservação dos preceitos cristãos ditados pela ortodoxia da Igreja. Apesar da grande abrangência nos temas, trazemos aqui apenas os que tangem os corpos femininos, onde possam se perceber, a partir da retórica vieiriana, os traços da cultura dominante do período barroco em torno da condição da mulher. Segundo Franco e Cabanas:

Reflectindo e cinzelando, ao longo da sua oratória, a vasta elaboração cultural de fundo judeo-cristão e greco-romano que sedimentou uma percepção pessimista e inferiorizante do género feminino (e na qual se caldearam elementos das correntes ligadas ao maniqueísmo, ao estoicismo, ao neoplatonismo...), Vieira traduz a ideologia então preponderante na sua visão, caracterização, definição e avaliação da condição e do papel da mulher na sociedade dos homens. O pregador manifesta não só a mentalidade e o imaginário masculino em relação ao outro sexo, como também opera, através dos recursos literários de que lança mão, uma construção em que fica realçada a ambivalência desta figura. (FRANCO e CABANAS, 2008)

Vamos perceber a forma sutil, mas ao mesmo tempo eloquente, com que Vieira se manifestava sobre o comportamento de corpos femininos, e ditava suas “correções” e idealizações. A ambivalência da figura feminina projetada por Vieira é coerente com o desenvolvimento da mentalidade barroca, onde a mulher é posta como um ser que pode ser, ao mesmo tempo, divinamente perfeito, e terrivelmente diabólico. O *Sermão do demônio mudo*, primeiro a ser analisado, foi proferido por Vieira no convento de Odivelas Religiosas do patriarca S.

Bernardo, em Portugal, no ano de 1651. No referente sermão, ele inicia falando da aproximação sorrateira do demônio, e o perigo de sua silenciosa chegada.

Se o demônio vem bramindo, os mesmos bramidos dão rebate do perigo, e ninguém haverá tão descuidado, ainda que esteja dormindo, que não esperte assombrado, e se acautele; porém, se o demônio vem mudo, debaixo do mesmo silêncio, em que se esconde o perigo, descansa e adormece o cuidado.

[...] Que queria logo significar o Senhor naquele demônio mudo, e naquelas resistências? Antes da prova ninguém tenha a resposta por paradoxo. No demônio mudo queria o Senhor significar o espelho, e nas resistências a grande dificuldade, com que o espelho se lança fora. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Essa afirmativa, de fato, abre espaço para a discussão principal: “*O espelho, diabo mudo dos conventos e celas das religiosas*”. A escrita parte da ambientação do espelho natural das águas, para então propor sua malícia ao toque do diabo. Vieira usa a mulher como centro do caos do discurso, mesmo que se fale insistentemente sobre a preocupação que se tem de um demônio que vem mudo diante da vaidade e formosura mulheril. Como nos relembra Paulo Geovani, em seu estudo sobre o lugar em que o sexo feminino ocupa na retórica vieiriana (SILVA, 2013, p. 146), a arte barroca, muito marcada pela presença da mulher (nua ou vestida), tem sobretudo na pintura exemplos muito convincentes de que há, no discurso, a denúncia de uma relação entre a mulher e o espelho. Como exemplo, Geovani nos traz a obra de *Vênus olhando-se ao espelho*, um óleo sobre tela assinado por Diego Velázquez, pintor espanhol que viveu entre o século XVI e XVII: “Completamente nua diante do espelho erguido por seu filho Cupido, *Vênus* já não aparece em uma áurea divina, mas é retratada num ambiente intimista que supõe e, simultaneamente, denuncia o cotidiano da mulher: olhar-se ao espelho, contemplar-se, admirar-se, tal como fizera *Narciso*.” (SILVA, 2013, p. 147) Com o exemplo da arte barroca, Paulo Geovani quis chamar atenção para essa associação pejorativa criada entre a mulher e o espelho como uma realidade cotidiana. A oratória envolve argumentos que sustentam a ideia de que cair em tentação ao querer ver sua imagem, é cair em tentação do pecado mundano, da vaidade carnal incitada pelo demônio.

Daqui se não pode passar, e era justo nesta cláusula acabar de emudecer. Mas, porque o Evangelho diz que, lançado fora o demônio, falou o mudo, o mesmo espelho, que até agora mudo lisonjeava, dirá falando — pois já pode — e descobrirá a verdade dos enganos, que a vista dos mesmos olhos, ou dissimulava, ou fingia. Eu — diz o espelho — como formado de vidro, sou frágil; mas muito mais frágil é, ó filhas de Eva, a que vós chamais formosura. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Há na escrita do autor uma indicação da intenção do espelho, para que o leitor possa projetar a situação. A vontade de ver-se é como um vício compulsivo e silencioso. Vieira sugere intenções de ambas as partes: a vaidade que leva a mulher à fragilidade, e do demônio que usa o espelho como canal para atingir o dito sexo diante da vulnerabilidade. Não há também como dissociar os escritos de Vieira com a literatura bíblica, não somente por se tratar de um jesuíta e orador católico, mas inclusive porque o Barroco foi um período estético completamente atravessado por essa literatura. Quando se faz um paralelo com escritos bíblicos, automaticamente entende-se que são aqueles comportamentos que devem ser reproduzidos, por isso a formosura entra no pecado da vaidade e é abominada por esse sermão.

Pois, se os demônios mudos se lançam com orações e jejuns, as mesmas que tanto oravam e jejuavam, por que repugnavam tanto a que se lhes tirasse da cela o espelho? Porque o espelho é um demônio mudo, de pior casta que os outros demônios mudos: os outros lançam-se com orações e jejuns: *In oratione et jejunio* — porém, estes são muito mais rebeldes e obstinados. Estão tão pegados à parede, e muito mais ao coração, que orará e jejuará a dona da casa quanto quiserdes, e muito mais do que quiserdes, mas o espelho não há de ir fora. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Se nem o martírio, em combinação com as orações, as livravam de tamanha armadilha, o que seria delas senão abster de contemplar sua formosura? Vieira usa de sua sagacidade ao promover tamanha dissertação e pô-la em xeque no convento (no qual, evidentemente, ele era assistido por uma audiência feminina). Toda a argumentação reprime o pecado de desejar ver-se, que só acomete o sexo feminino, “este apetite mulheril de se verem ao espelho” já que, segundo Muchembled, em sociedade

dominada por homens, a luxúria viril era projetada nas mulheres, responsabilizando-as pela concupiscência. Assim, Eva converteu-se no estigma da sedutora sensual (MUCHEMBLED, 2001, p.145):

Isto cuidou Tertuliano de Eva; e eu cuido do demônio que, se já houvesse espelhos, não havia ele de pedir emprestada à serpente a língua, para a enganar e render. Mais digo: que se a serpente lhe promettesse: Serás como Deus — e o espelho lhe dissesse: Verás em mim tua formosura — que havia Eva de aceitar o partido e oferta do espelho, e não a promessa da serpente. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Como se pode perceber, Vieira sugere que Eva não somente pecaria em qualquer cenário que fosse lhe apresentado, como conseqüentemente deixaria de enxergar e admirar a imagem de Deus ao preferir ver a si mesma. Há uma sugestão ou falta de racionalidade, ou inocência, em torno da figura feminina. O sermão se desenvolve na argumentação sobre a relação da mulher com o espelho, demonstrando que esse objeto cristalino nada mais é do que uma manifestação do demônio mudo, aquele que fica à espreita e que ataca quando menos se espera. Ao falar sobre a presença da mulher num discurso cristão e católico do século XVII, é preciso considerar também que, naquele tempo, um conjunto de vetores sociais influenciavam as mentalidades coletivas. Se ao estabelecer uma relação de proximidade entre o espelho e a mulher, o jesuíta conduz a mulher à negação não só da beleza como do próprio sexo, então admirar seu reflexo é admirar alguém diferente de Deus, uma imagem diferente da de Cristo: “O discurso de Padre Antônio Vieira compõe de maneira significativa esse mosaico ideológico pelo qual andou o pensamento barroco.” (SILVA, 2013, p.148)

Vieira procura lembrar constantemente do pecado original. Outro sermão que também traz a imagem da mulher como herdeira dos pecados de Eva, é o *Sermão na degolação de S. João Batista*, também publicado em Odivelas, no ano de 1653. Nesse texto, o autor constrói seu discurso ao fazer analogia com os antigos hebreus e seus “discretos problemas proveitosos”, em suas palavras. Vieira apresenta, primeiramente, o cenário para então entrar com o problema em questão, ponto alvo de uma história de adultério.

Nesta grande tragédia do maior dos nascidos, fazem o primeiro e segundo papel dois homens, que também nasceram grandes: um Herodes, outro Filipe; um rei, outro seu irmão; um sem honra, outro sem consciência; um casado, mas sem mulher; outro com mulher, mas não casado. E de toda esta violência, de todo este escândalo, de todo este vitupério de um e outro, não foram duas mulheres a causa, senão uma só, e a mesma, a infame Herodias. A tanto se atreve um amor poderoso, a tanto se delibera uma ambição impotente. Era Herodias no mesmo tempo mulher de Filipe própria, e de Herodes alheia; ambos por ela infelizes, ambos por ela afrontados, ambos por ela, em diverso modo, perdidos. Nesta história se funda o meu problema, como o de Sansão na sua, e será este: Quais mulheres são mais perniciosas aos homens, se as próprias ou as alheias? Se as próprias, tomo Herodias era de Filipe, ou as alheias, como a mesma Herodias era ou não era de Herodes? Já sabeis que quem disputa problemas não tem obrigação de os resolver. E porque cada um deve seguir aparte que mais lhe contentar, todos devem atenção a ambas. (VIEIRA, 1998, s.n.)

O debate que Vieira pretende levantar é de quais mulheres são mais perniciosas aos homens: as próprias, como Herodias era de Filipe, ou as alheias, como Herodias era ou não era de Herodes. O adultério fere a instituição católica através do pecado, sendo muitas vezes comparado, durante o texto, com o furto, porque os dois possuem o mesmo objeto em questão: o alheio. “E assim como o tomar a mulher alheia é adultério da torpeza, assim o tomar a fazenda alheia é cobiça” (VIEIRA, 1998). É interessante tomar conta da comparação com o furto, por desejar o alheio, com a figura da mulher. Em primeira perspectiva, entende-se os dois objetos de desejo como possibilidade de posse de outrem. A propriedade, é possível tornar-se dono através da compra, mas e a mulher? Essa relação de posse com corpos de gênero feminino, posteriormente, abrirá espaço para grandes debates na sociedade contemporânea e sua economia vigente. Silvia Federici (2004) é uma das estudiosas que debatem acerca da exploração das mulheres e o desenvolvimento do capitalismo. Mas deixemos esse debate para outro momento e continuemos no desenlace do *Sermão na degolação de S. João Batista*. O mito da mulher tentadora-pecadora, através dos estudos bíblicos, tem por arquétipo a figura de Eva, e é a partir dela que Vieira tecerá um laço de armadilhas e intenções pelo sexo feminino (enquanto que, em outros momentos, seria a mulher somente um canal de ação do mal). O ato primordial de Eva que levou a carregar esse estigma, de acordo com a história do Gênesis,

foi o de ter se deixado seduzir pela serpente e comido o fruto da árvore proibida, e dá-la depois de comer a Adão.

Não somente com o furto, a figura da mulher também recebe comparação com o vinho. Como se os enlaces femininos entorpecessem, assim como o efeito do álcool no vinho: o vinho, assim como a mulher (tanto as próprias que firmaram a fidelidade diante de Cristo, como as alheias) se equivalem reafirmando o valor do matrimônio e do sagrado.

Em que simbolizam o vinho e a mulher, para se atribuir a ambos o maior poder? Simbolizam, disseram os mesmos filósofos, em que o vinho e a mulher, ambos rendem o domínio de tal sorte aos homens, que lhes tiram o juízo. Adão, o primeiro pai do gênero humano, e Noé, o segundo, ambos perderam o juízo: e quem lhe tirou? Ao primeiro a mulher, ao segundo o vinho. E assim como o vinho para tirar o juízo a um homem, não importa que seja da sua vinha, ou da vinha do outro, assim também a mulher, tanto lhe pode tirar o juízo a alheia como a própria. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Os dois símbolos desse trecho se referem a algo que possa ser consumido, quase como um vício, ou quase como algo difícil a se evitar pela torpeza que exala. É interessante chamar atenção para a impotência do homem, retratada por Vieira, em ambos os sermões aqui analisados. Na literatura acerca do comportamento dos confessores, a mulher deve se atentar à sua vestimenta ao se confessar, para não seduzir os homens, e os confessores devem tomar cuidado com a hora do dia para também não cair em tentação sob a sombra da noite. Como acontece no *Sermão na degolação de S. João Batista*, tanto a mulher como o vinho podem tirar o juízo da porção masculina da humanidade. O homem aparece com frequência no lugar de vulnerabilidade, quando se fala do outro sexo. Atribuir a culpa ao alheio, por ir contra aos preceitos cristãos, é o ponto alvo decorrido em todo sermão. Não é inédito. “A extrema valorização teológica da culpabilidade, ligada via de regra ao princípio da degeneração da humanidade no quadro da história do pecado, contribuiu imenso para aumentar o deficit de credibilidade em torno da figura feminina no âmbito do judeo-cristianismo. Tal lastro religioso e cultural, assente num modelo de sociedade patriarcal, foi desenvolvendo assim preconceitos altamente segregadores.” (FRANCO e CABANAS, 2008, p. 31)

A maioria dos pensadores baseou, assim, a argumentação em defesa da “superioridade natural” do homem face à fraqueza de Eva e à sedução de Satã. Como é o caso do *Martelo das feiticeiras*, conjunto de preceitos sobre uma suposta “natureza”, ora débil ora maléfica, da mulher: “Del Rio assegura que, quanto ao sexo, o das mulheres é mais suspeito, que ele é mais imbecil e repleto de paixões vorazes veementes [...]. Não estando tão bem providas [quanto os homens] de razão nem prudência, elas se deixam facilmente decepcionar pelo demônio”. (DELUMEAU, 1978, p. 489) Como o próprio Delumeau levanta em *História do Medo no Ocidente*, o *Martelo das Feiticeiras* era um conjunto de afirmações acerca da inferioridade da mulher, sob várias óticas. Uma afirmação constantemente levantada era sobre a dificuldade em se julgar os atos de uma mulher no âmbito jurídico, por serem desprovidas de razão, e portanto tratadas com condições diferentes de um homem. Sob a ótica da culpabilização da mulher no *Sermão da degolação de S. João Batista*:

Mas porque Eva correspondeu tão mal às obrigações de seu estado, que em lugar de ajudar o marido à conservação do morgado, que ambos receberam em dote, não só o destruiu e perdeu a ele, mas com ele a todos nós, como herdeiros que havíamos de ser seus, posto que ainda não éramos. Todos os trabalhos e calamidades que padecemos na vida, toda a corrupção e misérias a que estamos sujeitos na morte, todos os males, penas e tormentos, que depois da morte nos aguardam, ou em tempo, ou em toda a eternidade, tiveram seu princípio e trazem sua origem desde o pecado, por isso chamado original. De toda esta infelicidade foi causa uma mulher, e que mulher? Não alheia, mas própria, e não criada em pecado, mas inocente, e formada pelas mãos do mesmo Deus. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Vieira discorre sobre a índole da mulher enquanto tentadora. Eva emerge ao longo dos seus sermões de maneira posta a ilustrar o perigo aos homens, não diretamente, mas através do pecado original, dando espaço para o mal agir a partir de seu descuido. Mas há um paradigma comportamental a respeito da mulher nos sermões do jesuíta. A primeira face, criadora do pecado original da humanidade, analisamos até aqui. Sob essa primeira visão, no *Sermão do demônio mudo*, a mulher recebe no corpo uma comparação sutil a um receptáculo dos vícios, e suscetível a ser influenciada aos pecados carnisais, como a vaidade e luxúria. Em seguida, sob a mesma visão hereditária do pecado

original, temos o *Sermão da degolação de São João Batista* onde é trazida a figura da mulher apenas sob um aspecto: a pernicioso. Sendo alheia, ou, como Eva, própria. Silvia Federici (2019) aponta que, desde os séculos XVI e XVII, foram introduzidas na maior parte da Europa referências à sexualidade feminina como ameaça social, precisando haver o desprezo sobre o prazer da mulher. Como se a mulher não pudesse desejar e fazer sem ser atravessada pelas influências de entidades demoníacas. Essa negação do desejo sexual da mulher, ou até mesmo da vaidade, que independe de gênero para existir, possa ter relação com a imagem de Virgem Maria, como figura materna e imaculada, perfeita representação do que esse gênero poderia oferecer para os homens.

Em segundo plano, sob a ótica vieiriana na descrição do comportamento dos corpos femininos, apresentaremos nos próximos sermões, trazendo a figura da mulher como divina e pura, essa por sua vez em vestes de santidade, como a Virgem Maria e o que ela representa. A configuração das imagens em torno do universo feminino reproduz e reelabora a herança cultural e mental da compreensão da mulher e do seu lugar na sociedade. A influência, que busca Vieira, é de trazer lições acerca de um comportamento que não se pode confiar, das mulheres, oposta ao ideal de santidade que ele irá propor para enquadrar cristãmente a vida dos indivíduos. Dessa forma, é comum e constante o uso de figuras bíblicas e hagiográficas como paralelismo e sustentação de seus discursos.

A capacidade de gerar vida, ligada à mulher desde a origem e convertida em atributos do seu gênero, culpabilizam o sexo pela desgraça mundana. Há uma espécie de mistificação sobre essa falta de controle sobre os corpos femininos, como se o homem necessitasse controlar todo e qualquer elemento que cerque a vida humana. São apresentados insistentemente defeitos repreensíveis, em particular o apetite desmedido, a ambição e a curiosidade, para explicar a atribuição da responsabilidade à mulher pela entrada do pecado no mundo e replicado por sua má conduta.

Embora tenhamos discutido até aqui sobre as formas pelas quais, no discurso barroco contrarreformista representado pelos sermões vieirianos, as mulheres deixam que o demônio aja através de seus corpos por consequência

de suas ações, entraremos na análise de um sermão com diferente visão sobre o tema. O *Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir* traz a prudência e a santidade diante dos encantamentos perigosos da roda e da fortuna. Vieira dissertará sobre a inconstância e a falta de segurança que se tem uma roda, e fará um paralelo com a fortuna. Como se a fortuna, por maior que seja, está sempre suspensa sobre rodas, então com a mesma intensidade que pode se estar no topo, assim pode-se também estar embaixo. Mas comecemos do início, partindo do caminho de Vieira traçou. O primeiro esclarecimento no sermão se desenvolve a partir do significado do termo "Ne forte".

E que quer dizer ne forte? Quer dizer: para que não por algum engano; para que não por alguma violência; para que não por algum descuido próprio ou diligência e indústria alheia. É o ne forte um advérbio, sempre vigilante, mas indeciso; é uma suspensão do que é; é uma dúvida do que será; é um cuidado solícito do que pode ser. É um receio temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; e neste círculo de todos os tempos acautelado para todos. Deriva-se a palavra ne forte daquela que o mundo chama Fortuna, e é uma força tão poderosa e tão forte, que desarma a mesma Fortuna de todos os seus poderes; por que a quem sempre estiver cuidadoso do que ela pode fazer ou desfazer, nunca lhe acontecerá que diga — não cuidei — que é a primeira máxima da prudência." (VIEIRA, 1998, s.n.)

"Ne forte" significa também "a fortuna dos céus". Seria um estado defensivo que depende dos céus, onde se deseja proteger das adversidades da vida, e um estado de humildade onde se aceita a falta de controle sobre as coisas que nos cercam. Mesmo sendo concreto, paira na inconstância do destino, "é um receio temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; e neste círculo de todos os tempos acautelados para todos" (VIEIRA, 1998). A fortuna espera estabilidade e previsão, já *Ne forte* é a concretização da incerteza. É a materialização do ciclo da vida, e da sua impotência com o destino. Se aceita, domina. Fora oferecida à santa Catarina tudo o que podia dar neste Mundo a Fortuna, que eram as rodas e coroa imperial, "mas porque a virgem prudentíssima, ainda com prudência humana, considerou nesta grande oferta, não o que era, senão o que podia ser, desprezou a coroa da Terra sujeita à roda da Fortuna, e segurou a que hoje goza no Céu, que a mesma Fortuna nem pode

dar, nem tirar: Ne forte.” (VIEIRA, 1998, s.n.) Há em todo sermão essa dualidade entre fortuna e roda contrapostos a “Ne forte”. O movimento que a roda faz, a mesma que sustenta os pilares da fortuna, não promove estabilidade, dependendo somente de: “Ne Forte”. É também chamada de fortuna dos céus, porque é a única riqueza que se pode carregar até lá. Já sabiamente conhecedora desse fim, Santa Catarina negou a proposta de Maximino.

Ne forte. Variamente pintaram os antigos a que eles chamaram Fortuna. Uns lhe puseram na mão o Mundo, outros uma cornucópia, outros um leme; uns a formaram de ouro, outros de vidro e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com asas nos pés e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas erraram, como gentios; em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de Fortuna, que significa caso, ou fado; erraram na cegueira dos olhos; erraram nas insígnias e poderes das mãos; porque o governo do Mundo, significado no leme e a distribuição de todas as coisas, significada na cornucópia, pertence somente à Providencia Divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicácia de sua sabedoria e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos, o que para os fins da mesma Providência com altíssimo conselho tem ordenado e disposto. Acertaram, porém, os mesmos gentios na figura que lhe deram de mulher, pela inconstância; nas asas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lhes porem sobre uma roda; porque nem no próspero, nem no adverso, e muito menos no próspero, teve jamais firmeza. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Dentre todos os símbolos, o único correspondente ao que acreditavam representar a fortuna, é a figura da mulher. Como se compusesse a roda e complementasse o seu significado torpe de inconstância e incerteza. A mulher carrega no seio a herança do pecado, fortemente representada pelo movimento barroco e contrarreformista referente às publicações aqui analisadas. Tudo o que se diz da Fortuna, e seus poderes, é fingido e falso; só uma coisa há nela certa e verdadeira, que é a roda. Ne forte está ligado a vontade de Deus: “Aqui falou então Deus ao profeta, e lhe disse desta maneira:—Assim como o oleiro tem nas suas mãos o barro, e dele faz uns vasos e desfaz outros; assim tenho eu nas minhas mãos o Mundo, e posso desfazer uns reinos e fazer outros ao meu arbítrio” (VIEIRA, 1998, s.n.).

Por estar ligada a vontade de Deus, a expressão também está relacionada à falta de certeza do que nos cerca a vida, e para isso dizemos: *Ne Forte*. Mas tendo certeza da proibição do consumo do fruto proibido, Eva pôs *Ne Forte* a frente e duvidou do destino que já era certo. Vieira pretende comunicar que não havia de ser incerta a consequência do pecado de Eva, para que ela se agarrasse a uma expressão que fala sobre o desconhecido, e por isso o pecado original possui tanta força:

A mais imprudente mulher que houve no mundo, foi também destruidora dele, Eva. E por quê? — Porque sobre a verdade mais certa e a certeza mais infalível, da qual se não podia duvidar, disse: *Ne forte*. Tinha Deus notificado a Adão, e nele a Eva, que no dia em que comessem da árvore vedada ficariam sujeitos à morte. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Desacreditando da palavra de Deus, pôs a confiança não em sua palavra, mas sim em *Ne Forte*, como se assim pudesse se salvar, pela inocência, do que estaria prestes a cometer. Eva está ilustrando o sermão de Vieira não por sua ingenuidade, mas por sua dissimulação. Eva protagoniza o pecado original deixando figurativamente uma herança de débito com todo sexo feminino, ao mesmo tempo, sendo esse prejuízo justificado por ter sido cometido pelo mesmo sexo. E por esse motivo, a oratória nos leva para uma via de mão única: A mulher em enlace com o pecado.

“O *ne forte* significa—para que não, como já vimos; o *si forte* quer dizer—se porventura; o *ne forte* é advérbio seguro e frio; o *si forte* animoso e ardente; o *ne forte* fecha as portas ao temor; o *si forte* abre-as à esperança; o *ne forte* é freio para a cautela; o *si forte* é espora para a ousadia: o *ne forte* diz: Não te arrisques; o *si forte* diz: Aventura-te; finalmente o *ne forte* tem por efeito evitar o mal que suspeita; e o *si forte* tem pôr objeto empreender e conseguir o bem a que aspira. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Vieira elaborou um discurso que lembra a intenção do *demônio mudo*, sobre sempre existir tentações à espreita, e como não se consegue prevenir de um mal que vem mudo, portanto, a importância de caminhar sempre no caminho em que não corra perigo de desvirtuar-se. Eva, ao sustentar seu erro em “*Ne forte*”, quando não havia incerteza e sim conhecimento do certo, não teve seu perdão concedido. Já a virgem prudentíssima Catarina ganhou de Cristo o anel

de esposa porque não ousou duvidar dos poderes que possuíam os desvios mundanos, e como estes poderiam distanciá-la de seu santificado objetivo. Havendo dúvidas de sua salvação, ela poderia clamar: Ne Forte. Mas após a concessão de Cristo onde ela não havia como deixar de entrar às bodas, pôde dizer: Si Forte. Este “bem” a que se refere “Si forte”, não significa qualquer bem leviano. Este sermão fala sobre a cegueira que lhe pode causar a riqueza e o poder, sobre não se confiar quando estiver no topo, porque da vida quem controla é Deus, e Cristo deixou seus ensinamentos na prática sobre isso. Não somente nas incertezas da roda da fortuna, mas nas certezas que Ele profetiza. Que não há como duvidar de sua palavra, como o fez Eva. Mas ainda que sabendo da sua verdade, como virgem Catarina, se prendeu a fervorosa esperança de “Si forte”.

Atônito e raivoso Maximino, das vitórias de Catarina, para se vingar e as vingar nela, determinou inventar um novo gênero de martírio e tormento, em que, excedesse os de Nero e Diocleciano, e de todos os tiranos seus antecessores. Mandou pois fabricar a máquina de uma roda, armada por toda circunferência de dentes, ou pontas de ferro agudas, em forma de navalhas, as quais, movendo-se no mesmo tempo, executassem em qualquer volta o que os braços de muitos algozes não podiam. [...] Oh cegueira humana, grande em todos os homens, e nos tiranos e perseguidores dos bons, maior e mais rematada, pois não tem olhos para ver, que onde maquinam a ruína alheia, fabricam a sua! (VIEIRA, 1998, s.n.)

Vieira atenta a todo momento o caminho da prudência em contraposição à roda da fortuna, e faz a sua análise voltada ao paralelismo com as sutilezas da língua latina e os mitos gregos. Observa-se que, no mesmo sermão, o jesuíta dá enfoque à imprudência de Eva ao resolver se apegar à incerteza diante de algo certo, assim como funciona a roda da fortuna, e compara a todo momento com a prudentíssima Santa Catarina. Como se mostrasse os únicos dois caminhos que se tem uma mulher: pecar ou ser esposa de Deus. Os polos opostos que se concentram os arquétipos femininos para Vieira, é como bem se pavimentava a cultura barroca. Essa ideia de dualidade em contraste trouxe para o corpo o reflexo hereditário desse século. É dessa forma também que podemos ilustrar o controle dos corpos, para Foucault, e suas instituições.

O estilo literário do Padre Antônio Vieira é, como já dissemos, essencialmente barroco: longos períodos construídos com o uso intensivo de figuras de linguagem, como metáforas e antíteses, formando um discurso altamente persuasivo, com o intuito de convencer o ouvinte pelo raciocínio e pela razão. O último documento a ser aqui apresentado será o *Sermão de Nossa senhora do Ó*. Iniciando o sermão, Antônio Vieira afirma que o círculo representa a Terra, as Esferas Celestes, o Universo e Deus. Segundo ele, as obras se parecem com seu autor e Deus fecharia todas as suas em um círculo. “Deus está dentro do mundo e fora do mundo”, diz Vieira. O primeiro círculo contém todas as coisas criadas e seria a Terra, o Mundo. O segundo seria Deus, que conteria dentro de si o mundo. E o terceiro, o ventre circular de Nossa Senhora, que contém dentro em si o mesmo Deus, o imenso.

O primeiro círculo, que é o mundo, contém dentro em si todas as coisas criadas; o segundo, incriado e infinito, que é Deus, contém dentro em si o mundo; e este terceiro, que hoje nos revela a fé, contém dentro em si ao mesmo Deus. [...] Nove meses teve dentro em si este círculo a Deus, e quem poderá imaginar que, estando cheio de todo Deus, ainda ali achasse o desejo, capacidade e lugar para formar outro círculo? Assim foi, e este novo círculo, formado pelo desejo, debaixo da figura e nome de O, é o que hoje particularmente celebramos na expectativa do parto já concebido: *Ecce concipies et paries*. (VIEIRA, 1998, s.n.)

Vieira inicia o sermão com considerações em torno da perfeição do círculo, o objeto mais bem-acabado dentre os quais a Natureza já produziu. Além de haver os opostos acerca da figura da mulher, na linguagem vieiriana, existe o paradoxo da figura circular. Se no sermão anterior, de *Santa Catarina Virgem e Mártir*, o círculo, ou a roda, significava inconstância, neste aqui significa criação. Criação do mundo e de tudo que há de mais belo e importante, e da mesma forma, de dentro de uma mulher, nascera o criador do próprio mundo. Vieira faz uma retórica onde uma coisa não poderia existir sem a outra, e se elas coexistem, Nossa Senhora foi capaz de unificar essas criações dentro de si. Dentro de toda sua devoção, no corpo de uma mulher, foi capaz de conceber algo tão grandioso “O círculo do útero virginal foi um Ó, que compreendeu dentro em si o imenso”. Segundo Vieira, consegue-se achar a circunferência do Sol, do

Céu, enquanto a de Deus não, pois sendo imensidão não se encontra circunferência.

Apesar de explanar todos os significados a respeito do Ó, há uma outra mensagem a ser transmitida. A imagem de conhecimento popular, que competia o lugar da mulher na sociedade cristã, geralmente era relacionada aos deveres que ela tinha para não andar próxima as tentações pecaminosas. Mas a outra imagem, não tão falada quanto a primeira, possui um lugar totalmente oposto. E qual o interesse poderia haver por trás dessa contraposição? Talvez fosse intenção ilustrar um ideal tão distante de se alcançar, por ser divino, que poderia comunicar a ideia de que esses lugares só pudessem ser ocupados por uma abdicação e um esforço sobrenatural, como Santa Catarina, que nadou contra a correnteza, ou mesmo a Virgem Maria, que acatou o chamado divino, através do anjo Gabriel, para a gigantesca responsabilidade de gerar o Cristo. Essa especulação se justificaria ao tentar fazer das vidas das religiosas uma eterna caminhada autovigilante. Um controle sob tão poderosos corpos, a partir do medo e da completa submissão.

### 3. CONCLUSÃO

Podemos explorar a ideia da mulher, nos sermões de Vieira, como possibilidade dos extremos: Maria, a mãe de Deus, e Eva, a primeira pecadora, como polos antagônicos da representação feminina na cultura ocidental de matriz judaico-cristã. A primeira configura um modelo positivo do exemplo à redenção; a segunda personifica, em contrapartida, a inconstância, a tentação, o pecado e a perdição. Na Europa, durante o século XVII, grandes transformações abalaram os laços sociais entre os indivíduos, como foi o caso da revolução comercial e do fortalecimento do poder real (absolutismo). Nesse cenário, com o desenvolvimento das ciências, e da Reforma Protestante, a força do catolicismo na Europa sofreu ameaça, pondo em xeque o poder eclesiástico de Roma. A Igreja Católica Romana reagiu com a criação do movimento contrarreformista, tão latente na influência dos escritos de Vieira. Nos países católicos, um novo estilo nasceu a partir desses acontecimentos: o barroco, cuja função social é a propagação da fé e do catolicismo. A oratória se torna a via de evangelização do catolicismo. “Para o barroco, discurso é sinônimo de um saber fazer com a palavra, de um trabalho de reconstrução da língua. É preciso mestria para usar as ferramentas retóricas na construção de figuras que têm como função o ornamento. A presença do belo está diretamente ligada à ornamentação do discurso. O efeito produzido pela mensagem no destinatário depende não do que é dito, mas do modo pelo qual se diz.” (FERREIRA, 2016) Tendo isso em vista, podemos afirmar que os sermões do padre António Vieira seguem esse engenho e essa lapidação retórica ao tentar estabelecer um imaginário coletivo, e é por isso que suas obras foram tão importantes. Ao saber usar de forma tão complexa sua eloquência, Vieira conseguiu penetrar nos espaços mais sensíveis da sociedade e participar na formação das mentalidades. Nosso trabalho aqui foi trazer esses discursos para os espaços onde atravessassem o estigma pecaminoso acerca dos corpos. Naturalmente foi dado enfoque ao corpo da mulher, e às ambiguidades em torno do seu comportamento. Ao tentar buscar uma razão para o tabu atrelado a carne, podemos compreender a influência da Igreja Católica na construção de uma mentalidade dual que ainda hoje se manifesta.

**BIBLIOGRAFIA**

- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **A Inquisição**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BELL, Rudolph. **Holy anorexia**. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo: Boitempo. 2019.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e a acumulação primitiva. Nova York: Autonomedia, 2004.
- FERREIRA, Nadiá. Padre Antônio Vieira: O discurso engenhoso em nome da fé e da salvação do homem. In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2016v19n3p544.12> . Acesso em: 12 de abril de 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRANCO, José; CABANAS, Maria. O Padre Antônio Vieira e as mulheres: o mito barroco do universo feminino. In: Revista Navegações, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/7200> . Acesso em: 12 de abril de 2023.
- GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **A história do Corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.]
- MARINHO, Cristiane Maria. Novas relações de poder e novas resistências: corpos em aliança como resistência à precariedade neoliberal. In: MARTINS,

Ana Claudia Aymoré; VERAS, Elias Ferreira (org.). **Corpos em Aliança**. Curitiba, Ed. Appris, 2020.

MATTHEWS-GRIECO, Sara. Corpo e Sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **A história do Corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012,

MENDES, Margarida. **A oratória barroca de Vieira**. Lisboa: Caminho, 2003.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do diabo séculos XII – XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

RUSSELL, Jeffrey; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2007.

SILVA, Paulo. A mulher e o espelho em Padre Antônio Vieira: relações de contingência dialética no Sermão do demônio mudo. In: Revista Alere, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/489> . Acesso em: 12 de abril de 2023.

VIEIRA, Antônio. **Sermão do demônio mudo**. Porto Alegre: Edelbra, 1998. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=134996> . Acesso em: 12 de abril de 2023.

VIEIRA, Antônio. **Sermão na degolação de São João Batista**. Porto Alegre: Edelbra, 1998. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=135009> . Acesso em: 12 de abril de 2023.

VIEIRA, Antônio. **Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir**. Porto Alegre: Edelbra, 1998. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=134989> . Acesso em: 12 de abril de 2023.

VIEIRA, Antônio. **Sermão de Nossa Senhora do Ó**. Porto Alegre: Edelbra, 1998. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=134888> . Acesso em: 12 de abril de 2023.

VIGARELLO, Georges. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **A história do Corpo**. Rj, Ed. Vozes, 2012.